

CAPÍTULO XXVI

A VENERAÇÃO DE IMAGENS E RELÍQUIAS

Não farás para ti imagem de escultura, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto. – Dos Dez Mandamentos.

Á vista do mandamento dado no Monte Sinai e da natureza espiritual da religião cristã, os Protestantes têm dificuldade em compreender como pôde uma grande parte do Cristianismo vir a praticar o culto de imagens, pinturas, crucifixos, ossos de santos e outras relíquias. Na Idade Média, cada igreja importante da Europa Ocidental possuía qualquer dessas coisas que transformam um santuário em sítio de peregrinação.

§ 1. A prática romana.- A veneração de imagens e relíquias foi proclamada verdadeiro elemento da religião cristã pelo Concílio de Trento, o qual ensinou que objetos tais como “imagens de Cristo e da Virgem Mãe de Deus e de outros santos devem ser conservados, principalmente nas igrejas, e a eles se devem prestar a honra e a veneração devidas”. As relíquias novas – advertiu o Concílio – devem ser cuidadosamente examinadas e aprovadas pelos bispos, antes que sejam aceitas; e, em casos duvidosos, a decisão final deve ser reservada ao “santíssimo pontífice romano”. Elaborando suas definições, aquele Concílio seguiu o decreto do Sétimo Concílio Ecumênico, que se reunira em Nice, em 787, e formalmente pusera termo à controvérsia que, por quase um século, andara acesa entre o Oriente e o Ocidente, sobre se as imagens deviam ser veneradas, ou não. O imperador oriental, Leão o Isaurino, 716-741, violentamente se opôs àquele culto, como o fez mais tarde Leão o Armeniano, 813-820. Os pontífices romanos favoreciam o ponto de vista contrário – e foi devido a eles, e especialmente à imperatriz Irene, que o culto de imagens foi aprovado em 787, sendo que a uma segunda imperatriz, Teodora, se ficou devendo sua restauração no Oriente, em 842, após terem seus imediatos predecessores repudiado o decreto niceno. A igreja oriental, embora condene imagens esculpidas, como crucifixos, e se limite ao uso d imagens planas, conhecidas pelo nome de ícones, é provavelmente mais fervorosa nesse culto do que na comunhão romana.

Segundo o Concílio de Trento, nenhuma confiança se deve por nas próprias imagens, mas no protótipo – para usar da expressão nicena – que é a pessoa representada pela imagem. Todos os atavios das imagens, calculados para excitar a

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

cobiça, são proibidos. O respeito devido às imagens é conhecido pelo nome de veneração e honra – *venerationem et honorem*. A lei canônica inclui entre as relíquias que devem ser veneradas, os braços, cabeça, coração, língua, assim como os corpos inteiros de santos. À vista da ressurreição do corpo de Cristo e da suposta assunção de Maria, nenhuma de suas partes corporais foi conservada, embora o prepúcio de Cristo e alguns cabelos, bem como leite dos seios de Maria, se tenham exibido, sendo que mesmo a posse de um dos dentes de Cristo foi alardeada pelos monges de S. Médard. O Concílio Tridentino afirmou que “a veneração das sagradas relíquias e cinzas dos santos serve bastante para aumentar a glória de Deus” – e em defesa de seu ponto de vista apela para os milagres verificados em túmulos sagrados, para o poder curativo da sombra de Pedro e para os lenços postos em contato como corpo de Paulo – Atos 5:15, 19:12 – e para o caso de regresso à vida do cadáver que tocara os ossos de Eliseu – II Reis 13:21. O argumento tirado da proibição contida no Decálogo o Concílio o ilude, à custa das imagens dos querubins e da serpente de bronze que, conforme conclui o Catecismo, provam que as imagens foram proibidas somente quando pudessem prejudicar o culto verdadeiro de Deus e animar o culto de objetos inanimados. Em consonância com o ensino romano, sustentou o cardeal Belarmino, em longa discussão, que o culto prestado às imagens está subordinado ao culto prestado aos santos e teve o cuidado de dar ênfase à praga que se seguiu ao ato de Leão III, queimando imagens em Constantinopla. Um recente escritor inglês, tratando do ato de o fiel se ajoelhar diante da cruz e das relíquias, diz que “seria preferível restringir aquelas atitudes aos atos de adoração divina; mas, enquanto os ingleses continuarem a dobrar os joelhos diante do rei e a se encurvarem diante do trono, não haverá dificuldade em permitir-se aos católicos romanos que façam o mesmo diante do sinal da Redenção, das imagens e das relíquias dos santos”.¹

§ 2. O ensino das Escrituras.- A lei de Êxodo 20:4, proibindo a representação de quais quer criaturas existentes no céu, na terra ou debaixo da terra, para lhes prestar culto, foi dada aos hebreus na ocasião em que saíram da terra do Egito, onde lhes era familiar o culto de animais, tidos como deuses. Moisés reduziu a pedaços o bezerro de ouro e os lançou ao fogo – Êxo.32:30. Por se encurvarem diante de baalins e de outras imagens idolátricas das nações circunvizinhas, os hebreus foram repetidamente punidos. Quanto aos querubins colocados sobre o propiciatório, eles não foram feitos como objetos de culto. Quando os filhos de Israel começaram a queimar

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

incenso à serpente de bronze, Ezequias a reduziu a pedaços – II Reis 18:4. Se os profetas de Israel se distinguiram mais por uma qualidade do que por outras, a aversão a todo culto de deuses feitos de madeira e metal é sua qualidade marcante. Os Salmos não fornecem nenhum vestígio de semelhante veneração. A propósito do poder vivificador atribuído aos ossos de Eliseu, único caso dessa espécie relatado no Velho Testamento, é claro que os ossos do profeta teriam sido preservados num relicário, para futuros efeitos, se tivessem sido considerados portadores de propriedades tais como as que se atribuem às imagens romanas. Com justiça disse Tyndale que “os israelitas, por maiores pecados que tenham sido, nem oraram a Eliseu e lhe beijaram os ossos, nem ofereceram sacrifício e acenderam velas diante dele” – *Resp. a More*, p. 123. Josefo e Filo chegaram ao extremo de usar o segundo mandamento como argumento proibitivo de qualquer escultura e pintura – e acusaram a Salomão de haver violado a lei, adornando seu palácio com estátuas de leões e bois, objetos que o Concílio Niceno se referira, como garantia para oculto de imagens na igreja cristã.

Os dois casos referidos nos Atos dos Apóstolos, em que virtude mágica saíra da sombra de Pedro e de lenços que tocaram o corpo de Paulo, constituem uma classe à parte, difíceis que são de entender. Nem Pedro, nem Paulo recomendou a prática do culto de imagens. No caso da mulher que tocou a túnica de Cristo, sua cura foi atribuída, não ao tocar no vestuário, mas à fé: “Tua fé te salvou”. Se houvesse prevalecido a crença de que o poder curativo fosse inerente às vestes de Cristo, é razoável que se supunha que algumas delas tivessem sido preservadas após sua morte, coisa de que a igreja primitiva não cogitou. Especial advertência contra os ídolos foi formulada por João; e Paulo, contemplando os ídolos de Atenas, disse que a Divindade não é semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra lavrada pela arte ou engenho humano – Atos 17:29; I João 5:21. Quando Paulo se referi à cruz, sempre queria significar a morte de Cristo e não o madeiro. Estêvão estabeleceu contraste entre imagens feitas pelas mãos dos homens e o Altíssimo, que não habita templos feitos pelas mãos – e concluiu que somente Deus deve ser adorado – Atos 6:40-43.

§ 3. A origem do culto de imagens na igreja cristã. – É instinto natural do homem o apreço dado a objetos associados com nossos queridos que se foram. Por impulso natural, respeitamos o túmulo dos mortos ilustres, assinalamos as casas que habitaram e prezamos as coisas que lhes pertenceram. Os museus estão cheios de tais recordações. Os objetos trazidos a Plymouth pelos Peregrinos, a cadeira em que se

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

assentou Hancock, a espada de Washington, o sino da Liberdade – estão preservados para que constituam recordação perpétua de eventos históricos, mas não por qualquer virtude inerentes que neles incida.

Tributando respeito à memória dos mártires e de outros vultos da igreja, que haviam terminado a carreira, os cristãos primitivos foram fiéis àquele instinto. Os restos de Inácio de Antioquia foram recolhidos, após seu martírio no anfiteatro romano. As cinzas de Policarpo foram consideradas mais preciosas do que o ouro ou as pedras raras. Quando Cipriano foi submetido à morte, em 258, espectadores houve que molharam o lenço em seu sangue. Com o correr do tempo, o respeito decente passou à veneração e depois virtude mágica se atribuiu a relíquias de mortos. Tão longe tinha ido esse culto, que durante a perseguição de Diocleciano, cerca de 300, os corpos dos mártires eram lançados ao mar pelos perseguidores, para que se não convertessem em objetos de culto.

A partir do quarto século, os maiores dentre os Padres recomendaram semelhante culto e mencionaram exemplos de milagres operados pelos corpos de mortos sagrados e por outras relíquias. As primeiras relíquias conduzidas para o Ocidente procederam de Helena, mãe de Constantino, a qual, segundo contam, descobrira a verdadeira cruz e trouxera consigo, como presente ao filho, os cravos com que Cristo fora pregado à cruz. “Que outros – disse Ambrósio – amontoem prata e ouro: nós reunimos os ferros com que os mártires foram feridos e seu sangue vitorioso, assim como também o madeiro da cruz”. Agostinho referiu diversos milagres operados pelas relíquias de Estêvão, o mártir, e falou de uma dama de Cartago, que fora curada de câncer pelo sinal da cruz feito por pessoa recentemente batizada. Água do Jordão e terra da Palestina eram tidas em apreço, em razão de sua virtude miraculosa. Pelo fim do quarto século, tão firme era a crença em tais agências miraculosas, que relíquias apócrifas eram vendidas aos crédulos pelos entrujões, como o próprio Agostinho nos informa em sua obra sobre os Monges, O tráfico de relíquias foi proibido por Teodósio I, em 386.

A veneração de imagens não se implantou, todavia, sem tenaz oposição. O próprio uso de pinturas e esculturas nas igrejas foi condenado pelo Sínodo de Elvira, 304, para que se não rendesse culto a tais objetos. Epifânio, falecido em 403, destruiu um retrato de Cristo que encontrara em uma igreja na Palestina. Dois séculos depois, Sereno, bispo de Marselha, alijou as pinturas das igrejas, mas seu ato provocou forte

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

censura da parte de Gregório I, que sustentou que o que as Escrituras são para o leitor, as pinturas o são para os ignorantes – *Mirbt*, p. 99. Carlos Magno proibiu a multiplicação de imagens.

§ 4. A sede medieval de relíquias milagrosas.- Os decretos do imperador não somente foram descumpridos, mas o hábito da veneração de imagens e de lhes atribuir propriedades miraculosas cresceu enormemente. Em escala crescente, corpos de profetas, patriarcas, apóstolos e homens piedosos foram sendo descobertos e exportados para a Europa. O corpo de S. Marcos foi removido, em 828, de Alexandria para Veneza. Doze anos depois, os restos de S. Bartolomeu, originariamente tidos como depositados na Índia, encontraram jazigo permanente em Benevento. A seu tempo, os corpos de muitos dos Apóstolos se reuniram em Roma, tendo sido o último o corpo de Santo André, trasladado no reinado de Pio II, já no século XV. Eliseu foi uma das glórias de Ravenna. Ao tempo em que não havia teatros ou outros lugares públicos de diversões, os santuários em que se conservavam relíquias se transformavam em exposições, visitadas por peregrinos atraídos dos quatro cantos da Europa. A relíquia é tida como objeto digno de constituir presente de rei a outro rei. Carlos o Simples, 924, enviou o crânio de S. Diniz e uma de suas mãos ao imperador Henrique I. As cidades saudavam sagradas lembranças com repiques de sinos e procissões. Os alicerces das catedrais, como a de Magdeburg, se firmavam sobre relíquias – e o Papa Leão IX, recusando-se a consagrar igreja que não possuísse ao menos uma relíquia, agia de acordo como decreto Niceno de 787. Nos altares das igrejas sob que jaziam relíquias, solenes promessas se faziam com juramento.

A procura do petróleo no século XX não tem sido mais ativa do que o foi a procura de relíquias nos mui decantados tempos medievais. Elas surdiam de lugares incríveis, como, por exemplo, se deu com o corpo de Clemente de Roma, que foi desenterrado em Metz, ou como aconteceu com a ossada de Mateus, o Evangelista, descoberto em Treves – Hauck 4:73. Os próprios demônios demonstraram seu interesse por elas, revelando-lhes a identidade, como no caso de um dos cravos da cruz, que havia permanecido longo período ignorado no relicário de Treves. Nas regiões mais remotas, como a Grã-Bretanha – assim no-lo afirma Bede – havia cuidadosas coleções de relíquias, antes de 700. A igreja de Santo Albano possuía recordações de todos os Apóstolos, ou parte de seu corpo. A cegueira e outras doenças se curavam nos sagrados cemitérios do remoto país do Norte. . Serragem da cruz e pó das sagradas sepulturas,

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

dissolvidos em água, eram apregoados como remédio destinado à cura dos que bebiam. Finalmente, as descobertas feitas na Palestina, durante as Cruzadas, teriam sido suficientes para matar a sede que abrasava a Europa por aquelas santas curiosidades, mas o número delas se avolumou durante a Quarta Cruzada, que tomou Constantinopla, 1204, e de que resultou a remoção de navios carregados de objetos arrebatados a santuários e relicários da cidade, para as igrejas e palácios do Ocidente.

Entre os mais curiosos tesouros trazidos da Palestina ou transferidos de Constantinopla pela piedade dos Cruzados, figuraram as barbas de Noé, os chifres atribuídos a Moisés, a pedra sobre que Jacó dormiu em Betel, crinas da besta de Balaão e o ramo no qual Absalão se embarçou. Aos tempos do Novo Testamento pertencem a faca que nosso Senhor usou na Última Ceia, a qual se acha em Treves; o prato usado naquela ocasião, reclamado ao mesmo tempo por Gênova, Roma e Arles; uma parte da toalha com que nosso Senhor se cingiu na Última ceia; a verdadeira mesa sobre que a Última Ceia foi celebrada, agora em poder da igreja do Latrão, em Roma; palhas da manjedoura e a estaca atado à qual foi S. Paulo flagelado. Uma das lágrimas que Jesus verteu junto ao túmulo de Lázaro se acha sob a guarda de Vendome. A respeito dessa lágrima, escreveu-se um livro para demonstrar que ela fora colhida por um anjo e dada a Maria Madalena, que a preservou em vaso precioso e a levou para a França.

Referindo-nos outra vez à coleção de 5.005 relíquias exibidas em Wittenberg, durante a infância de Lutero, especificamos que ele continha ossos de Davi, um dente que pertencera a Zacarias, três fragmentos da vara de Aarão, dois pedaços do bordão de Moisés, fragmentos do machado que lavrou a cruz de nosso Senhor. oito pedaços de uma das pedras com que Estêvão foi apedrejado, dezoito fragmentos de ossos de S. Paulo, um elo da corrente com que Pedro foi ligado, dois pedaços do bastão que o mesmo Pedro usava, assim como trinta pedaços de lenho da cruz, cinco gotas do leite de Maria, sete pedaços de seu véu e um pedaço do leito de onde ela ascendeu ao céu. Em adição a esses e outros artigos não menos famosos, a coleção possuía quinze fragmentos dos sete adormecidos de Éfeso.

As narrativas bordadas acerca das relíquias são às vezes tão risíveis, quanto o são, outras vezes, solenes. Conta César de Heisterbach que um certo Bernardo, pertencente a um convento, mas afortunadamente ainda não professo, tinha o hábito de conduzir consigo um cofre de relíquias de s. Pedro e S. Paulo, relíquias que serviam

para esbofetear o Bernardo, sempre que este se sentia inclinado em consentir pensamentos sensuais. Um incidente refere o mesmo César, relativo a um dente de certo S. Nicolau, o qual, conservado em Brauweiler, em dada ocasião se arrojara contra o vidro que o enclausurava, demonstrando por aquele meio o desgosto do próprio santo, ante a irreverência do povo que o andava a contemplar.

§ 5. A rejeição, por parte dos protestantes, do culto de imagens.- O Reformadores Protestantes unanimemente puseram de lado oculto de imagens e relíquias, como contrário à Escritura e como uma espécie de culto idolátrico. Sua expressão se acha expressa nas palavras do Catecismo Maior, de Lutero: “São, todas elas, madeira morta, que não pode fazer nenhum benefício” – *sie sind allestodt Ding das niemand heiligen kann*. Lutero contou ter visto em Roma a própria corda com que dizia ter-se Judas enforcado, Também contou de uma imagem da virgem, a que se atribuía a virtude de curar a sífilis. Em matéria de relíquias, disse Calvino, “é quase incrível como tenha sido o mundo tão largamente enganado. Posso mencionar três prepúcios de nosso Salvador; quatorze cravos exibidos em lugar dos três que teriam sido retirados da cruz; três exemplares da túnica inconsútil de Cristo, sobre a qual os soldados lançaram sortes; três lanças com que o lado de nosso Salvador foi traspassado; cinco lençóis de linho em que seu corpo esteve envolvido no túmulo”.² Calvino também falou de um dos braços de Santo Antônio, mostrado e beijado em Genebra, o qual, sendo examinado, tornou-se em osso de veado, como aconteceu também com alguns dos crânios de S. Pedro, conservados no altar da igreja de S. Pedro, daquela mesma cidade, os quais vieram a ser identificados como pedra-pomes.

As homílias inglesas falam de Nossa Senhora de Walsingham, Nossa Senhora de Ipswich, Nossa Senhora de Wildson e outras imagens da Virgem, como imitações de Diana de Éfeso, Vênus de Pafos e Vênus de Cipre. O Novo Testamento, dizem elas, “contém a Palavra da Vida, sendo mais vívida e verdadeira imagem de nosso Salvador do que todas as imagens esculpidas, modeladas e pintadas que haja no mundo – e contudo os homens não acendem velas diante dele à luz do dia, nem diante dele se ajoelham e queimam incenso. Elas também se referem aos lucros provenientes da exposição de relíquias, narrando que “alguns santos têm muitas cabeças, cada qual em sítios diferentes, e alguns têm seis braços e vinte e seis dedos; e, se todos os fragmentos de relíquias da cruz se reunissem, o maior navio da Inglaterra dificilmente

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

os poderia transportar; e a maior parte da cruz permanece nas mãos dos infiéis, segundo dizem, pelo que rezam seus rosários, rogando-lhes venha às mãos também aquela parte.

A Reforma Luterana conservou pinturas e cruzeiros nas igrejas. Os Calvinistas e Puritanos as rejeitaram. Na Inglaterra, o bispo Ridley fez retirar as cruzeiros das igrejas de Londres. O bispo Hooper, em suas injeções, deu ordens no sentido de que, quando as vidraças das igrejas tivessem de ser reparadas ou se colocassem novas, “não se consinta que nelas seja pintada imagem ou símbolo de qualquer santo e se ordene sejam apagadas tais imagens que ainda permanecem pintadas em qualquer parede de nossas igrejas”. O bom prelado permitiu, todavia, fossem pintados pássaros, flores e pensamentos tirados das Santas Escrituras. O bispo Jewel escreveu a Pedro Mártir, 1559, dizem que “Algumas cruzeiros de prata, de origem agourenta, ainda ocupavam seus lugares na capela da rainha”. Determinada como estava, Isabel, a conservar nas igrejas objetos de arte, suas Injeções de 1559 ordenaram que “no intuito de que toda a superstição e hipocrisia ocultas no coração de muitos possam dissipar-se, os clérigos não ostentem ou exibam quaisquer imagens, relíquias ou milagres; mas, denunciando o abuso dessas coisas, ensinarão que toda bondade, saúde e graça somente devem ser pedidas a Deus e dele esperadas, sendo ele o único autor e doador das mesmas”. O documento ainda prescreveu que eles “removessem também, extinguissem completamente e destruíssem todos os santuários, pinturas e outros monumentos de falsos milagres, peregrinações e superstição, de modo que não subsistisse memória dessas coisas nas paredes, vidraças ou onde quer que fosse, em suas igrejas e casas”. Finalmente, o partido Anglicano expulsou os Puritanos e perpetuou o uso da arte no santuário.

§ 6. O recrudescimento do culto de relíquias.- Há sinais de que a paixão pelas relíquias está iniciando novo capítulo. Todos os anos, na Semana Santa, centenas delas se expõem à veneração nas igrejas de Roma. O famoso sudário de Santa Verônica, a lança que feriu o lado de nosso Salvador e pedaços da cruz são solenemente exibidos na basílica de S. Pedro, por ocasião do ofício de Trevas, na tarde de quarta-feira; e na sexta-feira santa, o povo, assim como os sacerdotes, prostram-se no piso de mosaico, diante daquelas coisas. Na quinta-feira santa, os crânios de S. Pedro e de S. Paulo são expostos no altar-mor, em S. João do Latrão. Um cardeal, pelo menos de vez em quando, associa-se às cerimônias e rezas tributadas aos sagrados objetos. Na mesma velha igreja pode-se ver um pedaço da manjedoura, a vara de Aarão que outrora

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

floresceu, alguns dos fragmentos que ficaram do milagre dos cinco pães e dois peixes e outras curiosidades, que são interessantes, muito embora não sejam genuínas. Além de tudo, em S. João do Latrão se encontra a santa escada, tida por bastante sagrada para justificar que Pio X concedesse, em 1908, a quantos a subissem de joelhos e meditando sobre a paixão de Cristo, uma indulgência plenária, aplicável aos vivos e às almas do purgatório. Na capela que se acha acima da escada, encontra-se uma cabeça de Cristo, pretense trabalho produzido por S. Lucas, e pintura que desfruta do crédito de especial eficácia, para quantos orem diante dela. Santa Cruz, outra das igrejas de Roma, possui a tábua que fora posta sobre a cruz de Cristo e continha a inscrição em três línguas. Em Turim se encontra o santo sudário em que Cristo fora envolvido, sudário que se expôs pela última vez em 1898. Treves, no norte da Europa, possui a túnica que se diz ter Maria tecido para Jesus e que, segundo a lenda, cresceu juntamente com ele, até o dia em que foi crucificado. A túnica é exibida periodicamente e em 1891 atraiu não menos de 1.925.130 pessoas. Infelizmente, existe uma túnica rival em Argenteuil, declarada genuína por Gregório XVI. A catedral da velha cidade imperial de Aachen possui, ao lado de relíquias menores, a camisa que Maria vestiu por ocasião do nascimento de Jesus, os cueiros de Jesus, o pano que lhe cingia a cintura quando crucificado e a mortalha em que foi envolvida a cabeça de João Batista. Não menos de 600.000 pessoas visitaram a exposição daquelas relíquias em 1909.³ Na procissão anual do Sangue Santo, em Bruges, o bispo local conduz através das ruas, como aconteceu em maio de 1925, um relicário de ouro, contendo um pedaço de pano que se pretende tenha sido manchado com sangue de Cristo. Em 27 de novembro de 1924, o cardeal Mercier presenteou o rei Alberto da Bélgica com um relicário, contendo um pequeno fragmento do santo patrono do rei, cujo corpo inteiro havia sido descoberto recentemente na catedral de Rheims. Em Birmingham, as relíquias de S. Chad, após terem sido deixadas em paz desde 1509, foram conduzidas pelas ruas em 1920. Essas coisas são mencionadas para mostrar que o culto de relíquias é endossado e encorajado por prelados contemporâneos da mais alta hierarquia.

O mesmo se pode dizer das imagens sangrentas e suarentas de Maria, que parece estarem em evidência. Quatro imagens de Cristo e da Virgem, existentes na loja de Tomaz Dwan, em Tipperary, Irlanda, foram encontradas a verter sangue, em 1920, tendo sido visitadas por milhares de pessoas em um só dia. O padre Byrne, de Dakota do Sul, testemunhou ter visto as estátuas a verterem gotas de sangue. Tão pronta é a

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

credulidade ou facilidade de enganar, que uma tal Madame Mesmin mostrou, em 1907, uma estátua, que ela havia trazido de Lourdes, e que se pusera subitamente a verter lágrimas. Neste, como em outros casos, descobriu-se que se tratava de fraude. A aprovação dada pelo Santo Ofício, em 1903, entre a morte de Leão XIII e a entronização de Pio X, a pequenas imagens de Maria, feitas de gesso e usadas, dissolvidas em água, como remédio, equivale – e preciso recordar - a uma aprovação papal, porque essa é a lei da igreja, no tocante às decisões proferidas quando nenhum papa haja sobre o trono. A citada decisão fora proferida em resposta a pedidos do bispo de Santiago do Chile.

Também na América há evidências de que os costumes piedosos ou supersticiosos da Europa estão sendo fomentados. O santuário de Sant'Ana, em Beaupré, perto de Quebec, causa reparos pelas curas miraculosas que se dizem operadas ali. Ao tempo de Calvino, as cidades francesas de Apte e Lyon disputavam a posse de todo o corpo de Ana, enquanto que, ao mesmo tempo, uma de suas mãos era reivindicada por três localidades – Turim, Treves e uma cidade da Turíngia. Sua cabeça foi recebida em Berna, em 1516. Calvino beijou em criança, uma parte dos restos da santa, exibida num convento perto de Noyon. Se, derivado de um ou de outro daqueles depósitos, Beaupré tinha em seu poder, em 1875 um só osso tido como pertencente ao corpo de Ana, hoje tem não menos de quatro ossos semelhantes. A igreja de Sant'Ana, na cidade de Nova York, igualmente pretende estar de posse de um dos ossos do braço de Ana. A mais recente aquisição destinada ao aumento de sagradas relíquias existentes na América, são partes do corpo de Santa Cristina, que o dr. Schrembs, bispo de Cleveland, trouxe de Roma, em agosto de 1925. Santa Cristina passa por ter sido mártir e seu sepulcro foi aberto há 200 anos. A urna sagrada, que contém a maior parte de seu esqueleto e todo o crânio, foi transportada através do oceano, selada com as armas do cardeal Gasparri. A urna também trouxe um frasco de sangue em pó. Referiu o dr. Schrembs que três dos predecessores de Pio XI lhe haviam prometido uma relíquia, mas sobrevieram obstáculos, de modo que nenhuma delas poderia sair de Roma sem levantar murmúrio. O bispo também trouxe consigo um fragmento da verdadeira cruz, provavelmente o primeiro fragmento dessa espécie a ser trasladado para o continente Ocidental. Em face da garantia dada por Clemente V, de que a madeira da cruz tem a prerrogativa de aumentar-se, nenhuma objeção concludente pode ser sustentada por um católico romano acerca da genuinidade da relíquia.⁴

§ 7. **Uma apreciação razoável das imagens.**- Para as mentes comuns, parece impossível que roupas pertencentes a corpos de santos ou que esses próprios corpos fossem capazes de se conservar por aproximadamente dois mil anos. Em alguma ocasião estiveram expostos ao ar e, de acordo com a lei que vigora para outros objetos da mesma espécie, seriam reduzidas a pó. A despeito desta consideração, é inegável que, no dia presente, honrados e eruditos prelados romanos, de alta hierarquia, dão assentimento à genuinidade de relíquias relacionadas com Cristo, com a Virgem Maria, com Apóstolos e santos, e garantem a realidade dos milagres realizados em presença daqueles sagrados despojos.

Há quatrocentos anos, pessoa não outra que o chanceler da Inglaterra, Sir Tomaz More, relatava as maravilhosas vantagens que ele vira com os próprios olhos. Recolocando uma imagem de Barking na Abadia – assim narrou ele – “uma bonita portinha foi forçada e dela caíram tantas relíquias, que haviam estado naquele lugar oculto, sabe Deus desde quando! Entre elas figuravam certas coifas que eram feitura das próprias mãos de nossa Senhora. Não eram estreitas nem largas, mas serviam, por assim dizer, para cair, de maneira fácil e simples, sobre sua cabeça; mas certamente que elas estavam tão puras, segundo minha estimativa, como jamais vi em minha vida”. Calculou-se – prossegue More “que elas tinham estado em lugar secreto por 500 anos, quando a abadia foi queimada pelos infiéis”. Estava o grande jurista enganado, ou não? Estava ele certo quando escreveu sua obra sobre imagens sagradas e seu culto, ou certos estavam Lutero, Calvino, Latimer e Knox, quando afirmaram que as relíquias eram uma ilusão? Avançando quatro séculos, vamos encontrar Pio IX a emprestar sua autoridade ao caráter sagrado das imagens. Em sua encíclica de 23 de dezembro de 1922, congratulou-se consigo próprio, por haver reparados danos causados ao santuário de Loreto e a este restituído a imagem da Virgem Maria, a mãe de Deus, tendo-a reconsagrado e coroado com suas próprias mãos. Mais adiante declarou que era “um triunfo glorioso da augusta Virgem, que sua imagem santa houvesse recebido, por toda a parte do trajeto do Vaticano a Loreto, incessante homenagem de fiéis incontáveis e de todas as classes.

As razões dadas pelo cardeal Gibbons, em abono do uso de imagens e relíquias são as seguintes: 1. São o catecismo dos iletrados e milhares sobre milhares teriam morrido na ignorância da crença cristã, se não tivessem sido esclarecidos por meio de pinturas. 2. São testemunhos da fé cristã, como o retrato de um general o é do

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

patriotismo ou o de um arcebispo o é de sua religião.³ Ajudam o fiel a concentrar seus pensamentos no objeto de suas afeições. Os retratos dos santos estimulam os fiéis a imitar-lhes as virtudes, exatamente como os retratos de Washington e Patrick Henry animam os sentimentos patrióticos e morais.

Os Protestantes concordam com o cardeal no tocante à influência que os retratos e estátuas de homens como Washington se destinam a exercer. Discordam quando se trata de pinturas e estátuas de Cristo, de Maria e dos santos, pelas seguintes razões: 1. As pinturas são enganadoras. Não são genuínos retratos. As Madonas de Rafael, de Holbein e de outros pintores são obras totalmente de imaginação. Os retratos de Maria, cobertos de véu e vestimenta de freira, ensinam uma lição falsa, valendo como se Maria houvesse aprovado a vida e o hábito monásticos. As pinturas que a representam conduzindo a Cristo nos braços ou sendo coroada no céu, são produtos da mariolatria e, em consequência, são próprias para fomentar conceitos de Maria que falsificam o esquema da Redenção e colocam a Cristo em plano secundário. 2. Muitas e provavelmente todas as relíquias para as quais se reclama grande antiguidade, são invenções. Se são tecidos ou madeiras, não podem, a não ser por atordoante milagre, ter conservado sua forma original. 3. O culto de ossadas, dentes, cabelos e outros objetos dessa espécie nasce da superstição e não existe, na Escritura um vestígio sequer de que Cristo ou seus Apóstolos considerassem sagradas porções do próprio corpo. 4. A veneração de imagens parece contrariar as palavras de Cristo, ao dizer que “Deus é Espírito e os que o adorem devem adorá-lo em Espírito e verdade”. Os protestantes não podem negar a devoção de católicos romanos que prestam culto diante de relíquias ou procuram, por meio delas, o poder curador, nem contestam que o adorador possa olhar para muito mais longe do que os objetos inanimados, buscando, para além deles, a Cristo e sua graça. Entretanto, dada a natureza espiritual da religião cristã e em vista do mandamento do Decálogo, a prática do culto de imagens e relíquias não merece crédito.

O Catecismo Plenário de Baltimore pronuncia uma advertência, como fez o Concílio de Trento, no sentido de que se faça discriminação entre relíquias verdadeiras e falsas.⁵ Entretanto, o dr. Milner redigi a desconcertante declaração de que escassa diferença faz, se a relíquia é verdadeira ou falsa, uma vez que tudo depende da devoção prestada pelo coração. Outros escritores católicos romanos sustentam a mesma opinião, que parece justificar uma falsidade para fins religiosos. A Confissão de Westminster e outras Confissões protestantes tratam de idolatria a veneração de imagens. Não é de

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

feito dos protestantes de hoje usarem tão facilmente daquela palavra para qualificar as práticas romanas, quanto o fizeram seus pais. É bem possível que Deus possa usar imagens e relíquias, no caso de ignorantes, para estimular a fé, e é possível que essa fé abra caminho através daquelas coisas como através de palavras ditas em oração. Na melhor hipótese, elas pertencem à classe de rudimentos desprezíveis, que Paulo julgava deverem os cristãos abandonar. Os Profetas, Salmistas e Apóstolos concitaram os homens a se voltarem das coisas criadas para o Invisível, mas eternamente vivo Deus – e só a ele adorarem

Bibliografia e Notas

The Golden Legend, posta em inglês por Caxton, 7 pequenos vols. – Butler: *Lives of the Saints*, 12 vols., 1868. Baring-Gould: *Lives of the Saints*, 4 vols., 1907. Delahaye, S.J.: *Les Legendes Biograph.*, 1905. Critica. – *Bk. of the Saints* pelos Benedictinos, 1921. Holweck: *Dict. of the Saints*, pp. 1054, 1924. – Pullen: *Thr Primitive Saintas and the See of Rome. – Trid. Decrees e Cat.*, sobre o Decálogo e a Oração. – *Cod. can. jur.*, 1255-89; 1919-2141 – Belarmino; Mohler; Gibbons, 191-205. Arts. wetzter – *Welte*: 3:1233 e ss. e *Cath. Enc. Sobre Images*, 7:665-72 e *Relics*, 12:734-40. – Hefele: *Conc. Gesch.* no 2º. Nicene C., vol. 3. – Gregory: *Bernadette of Lourdes.* – Lord, S. J.: *Story of the Little Flower, St. Therese.* – Husslein, S.J.: *The Heart of the Little Flower*, etc. 1924. Prot.: *Conff. de Augsburg., II Helv., Gall., Schmalkald.* – Calvino: *Invention of Relics*, trad. por Beveridge 1:288-341. – Warfield: *Counterf. Miracles*, 1918. – *Reliquiem in Herzog-Hauck*, 12:734-40. – Hase, p. 298 e ss. – Schaff: *Ch. Hist.* 3:449-460;5, pt. 2, p. 845 e ss.

1. Hull, S. J., *What the Cath. Ch. is and Teaches.* Cath. Truth Soc., 70o. milheiro.

2. No tempo de Wyclif, o prepúcio de Cristo estava, ao que se dizia, em duas igrejas de Roma, a do Latrão e de Sta. Inês,- Manning, p. 80. Hoensbroech, *Papstthum* 2:254,diz que Suarez afirma que Maria preservou o objeto material e explana intensamente o assunto, sobre se Cristo, agora no céu, possui prepúcio, decidindo-se pela afirmativa. O espanhol vai ainda mais longe e discute se o prepúcio está na hóstia consagrada e também decide favoravelmente esta questão.

DAVID S. SCHAFF – NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

3. À exposição de Aachen, 1909, a camisa de Maria foi exibida numa redoma de vidro. De cada lado da redoma se postava um sacerdote, que ia tomando os rosários dos devotos, ao passarem, e os tocavam na relíquia, para que recebessem alguma d suas santas virtudes. A camisa, como a viu o autor, estava perfeitamente branca, não mostrando sinais de antiguidade.

4. Thurston, em três arts. publicados no *Month*, de dez. de 1924 – fev. de 1925, sobre George Marano, um belga que pretendia ter estigmas no corpo, mostrou o perigo de engano em relação a intervenções miraculosas, assim como o tomar falsamente os estados histéricos como experiências reais. Vide também dr. J. J. Welsh: “Church and Cures”, *Cath. Hist. Rev.*, abr. de 1925.

5. Janssen tratou as peregrinações medievais e santuários que operavam maravilhas, como “sarna errante”. A *Cath. Enc.*, 12:737, sugere “que muitas das mais antigas relíquias, mesmo as que se exibem em Roma, são certamente espúrios, ou sujeitas a graves desconfianças”. Entre as relíquias falsas, o artigo menciona a manjedoura de Cristo, ou *praesepe*, mostrada em Sta. Maria Maggiore, e a coluna da Flagelação, exibida em St. Prasede. As fraudes relacionadas com a exposição de relíquias de santos russos, em 1919, não são favoráveis à genuinidade das relíquias romanas. À abertura do relicário de S. Tikhon Zalonsky, verificou-se que seu “corpo” consistia de cartolina e alguns ossos. Verificou-se que a relíquia de Santo Alexandre Svirsky era de cera e a de S. Mitrofan era imitação de um corpo humano, cheio de algodão.